

A GRANDE POLÍTICA E SUA RELAÇÃO COM OS FRAGMENTOS INÉDITOS *KRIEGSERKLÄRUNG* DE NIETZSCHE

*The great politics and its relação com unknown fragmentos
kriegserklärung of Nietzsche*

Jorge Luiz Viesenteiner*

Resumo

Resultado de estudos *stricto sensu*, o objetivo central desse texto é apresentar algumas reflexões sobre um tema capital do último período de produção filosófica de Nietzsche: a Grande Política. Acrescente-se ainda a íntima relação que o tema possui com alguns pares de fragmentos póstumos, que por seu turno, constituiriam parte integrante de um escrito jamais publicado por Nietzsche denominado *Kriegserklärung*, vale dizer, “Declaração de Guerra”.

Palavras-chave: Grande política, *Kriegserklärung*, Política, Pequena política, Guerra.

Abstract

The central objective of this text – resulted by *strictu sensu*'s studies – is to show some analysis about a nuclear theme from the last period of Nietzsche's philosophical production: Grand Politics. Add the close relationship that this theme has with some Nietzsche's *Nachlass*, these lasts composing part of a inedited write not published by Nietzsche called *Kriegserklärung*, that is, “statement of war”.

Keywords: Grand politics, *Kriegserklärung*, Politics, Short politics, War.

* Professor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
Rua Imaculada Conceição, 1155, Prado Velho, Curitiba – Pr, CEP 80215-901.
E-mail:jvies@uol.com.br

A partir do minucioso trabalho histórico-filológico iniciado pelos italianos Giorgio Colli eazzino Montinari (1972), no final dos anos 60 e que, além disso, acabou por imprimir um rumo completamente diferente às pesquisas referentes a Nietzsche no mundo inteiro, pôde-se ter acesso a inúmeros escritos de fragmentos póstumos de relevância do filósofo alemão.

Não apenas isso, mas, sobretudo, com o acesso às edições integrais das obras enviadas a impressão por Nietzsche foi possível um conhecimento de diversas passagens dos textos que, como já se é sabido, foram literalmente censuradas pelos editores do *Nietzsche-Archiv*. A edição crítica dos escritos de Nietzsche, enfim, possibilitou uma compreensão muito mais ampla não apenas de temas já conhecidos de obras publicadas, bem como uma coerente interpretação desses mesmos temas, mas também, uma compreensão de conceitos que vieram aparecer de forma relevante e especial nos fragmentos póstumos.

O conceito de Grande Política – cujo registro por Nietzsche foi feito pela primeira vez em Aurora,¹ mas trabalhado de forma especial apenas nos fragmentos póstumos do último período de produção literária do filósofo – está inserido no conjunto destes conceitos que puderam ser interpretados graças à publicação das obras críticas de Nietzsche. (NIETZSCHE, 1998, p. 208; 241;254; 1980, p. 639; 1973; 1971).

A questão a se mencionar a propósito de obras publicadas é que o conceito não é amplamente elaborado por Nietzsche, mas apenas citado esparsamente. Mesmo nos fragmentos que permaneceram inéditos, um dos registros em que o conceito é elaborado com detalhes aparece num fragmento que data de Dezembro de 1888 e início de janeiro de 1889, registrado sob o título “*Die Grosse Politik*”.(NIETZSCHE, 1980, p. 637, tradução do autor). Nesse sentido, como já se pode perceber, a dificuldade de se levantar quaisquer hipóteses de interpretação acerca do conceito grande política, deve-se ao fato de que a noção encontra-se amplamente espalhada pelo conjunto dos escritos de Nietzsche, notadamente na produção dos últimos anos antes do colapso mental, com especial atenção aos anos entre 1887 e 1889, mas com uma intensidade maior no final de 1888 e início de 1889.

A propósito deste último período, especialmente o período de confecção do último capítulo de

Ecce Homo, os organizadores da edição crítica de Nietzsche (1971), fornecem uma sugestiva referência: “Quanto ao surgimento desses capítulos, especialmente os últimos capítulos desta obra, [Por que sou um destino – JLV], vale conferir as observações introdutórias acima. Os fragmentos sobre a *grande política* encontram-se numa estreita afinidade com este capítulo”.(NIETZSCHE, 1971, p. 509).

Com relação ao registro do conceito de grande política no contexto do colapso mental sofrido por Nietzsche – deve-se dizer que já em dezembro de 1888 Nietzsche sofre um grave colapso que o mergulha no delírio e em janeiro de 1889 é internado numa clínica da Basileia –, Giorgio Colli escreve no posfácio aos volumes 12 e 13 as seguintes palavras: “Contudo, o que admira realmente é que há apenas um diminuto número de textos realmente patológicos. Trata-se apenas de uns poucos registros da ‘grande política’, nos quais é declarada uma radical ‘guerra de morte’. Em outras palavras, *quase* ao mesmo tempo em que Nietzsche mergulha no delírio [Verstand verliert], ele interrompe também sua produção literária”.(NIETZSCHE, 1980, p. 668).

De fato, é praticamente impossível elencar quais seriam os “textos realmente patológicos” da grande política. Mesmo assim, deve-se frisar que o texto detalhado da grande política foi escrito precisamente no contexto do colapso mental, isto é, nos fragmentos de dezembro 1888-janeiro 1889.

Em todo caso, distante de uma política do poder, controle e dominação, a Grande Política é supranacional. É a partir dela precisamente que Nietzsche realiza uma radical declaração de guerra. Aos termos “grande” e “política”, Nietzsche (2002, 208) executa uma espécie de estridente contra-discurso em oposição ao que ele denominou de “tempo da pequena política”, ao contexto de nivelamento, homogeneização e apequenamento do homem. Assim, é “Grande” Política precisamente em virtude dos objetivos que tem em vista e o termo *Grösse* deve vir associado rigorosamente à **grandeza cultural**: “aqui é apresentado textualmente o sentido de grandeza [...], oposta aos particularismos e aos interesses dinásticos, grandeza como supra-nacional”. Segundo Ottmann (1999, p. 240;242) “Nietzsche entende grandeza de tal modo como ele compreendeu com Buckhardt desde os tempos do nascimento do Reich alemão, como *grandeza de cultura, não de Império*”. O

que deve resplandecer na Grande Política não é a nação, mas o homem mesmo colocado em *Gegen-satz* ao monstruoso processo de mediocrização e rebaixamento produzido pela pequena política. (NIETZSCHE, 2002, p. 242).

Nietzsche (1980, p. 637) tem um cenário eminentemente político quando reivindica pela grande política. Ottmann (1999, p. 241), observa que trata-se de uma declaração de guerra que brota do solo dos mesquinhos nacionalismos emergentes, à fragmentação da unidade política em que de acordo com Colli e Montinari (Orgs.) (1980, p. 377) “cada povo da Europa de hoje se fecha e se tranca, como se estivessem todos de quarentena”, enfim, contra as hostilidades de interesses das dinastias européias:

Para mim é repugnante o que se procede por ora [...]. Não conheço nada que cause mais profunda contrariedade no sentido *sublime* da minha tarefa – que hoje faz reivindicação pelo <nome> “grande política” – do que este detestável incitamento egoísta entre povos e raças. Não tenho palavra para exprimir meu desprezo diante do nivelamento <espiritual>, que se acredita hoje guiar a história da humanidade na forma dos ministros do reino alemão e com a oficial-atitude prussiana da casa dos Hohenzollern, essa espécie diminuta de homem. (NIETZSCHE, 1980, p. 640).²

O fenômeno dos nacionalismos emergentes fornece significado pleno para o entendimento da fórmula nietzscheana registrada em *Além do bem e do mal* e que reza o seguinte: “o tempo da pequena política chegou ao fim: já o próximo século traz a luta pelo domínio da Terra – a *compulsão* à grande política”. (NIETZSCHE, 2002, p. 208).

A bem da verdade, a grande política é antidemocrática e antimoderna até a raiz! É declaração de guerra no rigoroso sentido de ser contra-figura, contra-discurso, contra-movimento aos principais fenômenos sócio-políticos, bem como aos programas de melhoramento do tipo homem efetivados na modernidade. E como tal, tem o problema do cultivo do homem como questão decisiva para suas tarefas. Trata-se, enfim, de ser uma *Gegensatzerin* ao imenso desenvolvimento de um processo decadencial colocado em marcha pela pequena política que tem o “último homem” como seu produto, ele mesmo se percebendo como fim da história.

Diante disso e como grandeza cultural, o tema da grande política suscita uma questão nuclear no pensamento de Nietzsche (1980, p. 640), questão essa posta pelo próprio filósofo: “aproxima-se de forma imperiosa, hesitante, fecunda como o destino, a grande tarefa e questão: como se deveria governar a terra como um todo? E *para que* o ‘homem’ como um todo – e não mais um povo, uma raça – deveria ser cultivado?”. Assim Nietzsche (1980, p. 533) observa que é que a grande política conjuga em seu interior duas questões paradigmáticas: coloca-se, por um lado, como “governo da terra” e, por outro, toma nas mãos a suprema tarefa de cultivo do homem, ou antes, a preparação das condições para o advento dos “europeus superiores, precursores da *grande política*”. (NIETZSCHE, 1980, p. 532).

A compreensão da compulsão à grande política, ao domínio da terra passa pela reivindicação por uma certa unidade cultural, uma ampla formação de domínio capaz de superar a desagregação político-moral da modernidade. Para Nietzsche (1908, p. 462) um governo da terra, uma administração global da terra que encerra em si uma radical dureza de disciplina e cultivo, que “torna a fisiologia senhora sobre todas as outras questões” e, sobretudo, “cria um **poder** forte o suficiente para *cultivar* a humanidade como um todo e mais elevada, com a mais impiedosa dureza contra a degeneração e parasitismo na vida” (NIETZSCHE, 1980, p. 638), superando, assim, a patologia dos nacionalismos.

Conjugado a um governo da terra está aquela outra tarefa mencionada por Nietzsche: a preparação das **condições** que possibilitam o advento de “novos filósofos”, os arautos da transvaloração dos valores e futuros legisladores:

Nós, que somos de outra fé – nós, que consideramos o movimento democrático não apenas uma forma de decadência das organizações políticas, mas uma forma de decadência ou diminuição do homem, sua mediocrização e rebaixamento de valor: para onde apontaremos *nós* as nossas esperanças? – Para *novos filósofos*, não há escolha; para espíritos fortes e originais o bastante para estimular valorizações opostas e transvalorar e trans-tornar “valores eternos”, para precursores e arautos, para homens do futuro que atem no presente o nó, a coação que impõe caminhos *novos* à vontade de milênios. Ensinar ao ho-

mem o futuro do homem como sua *vontade*, dependente de uma vontade humana, e preparar grandes empresas e tentativas globais de disciplinação e cultivo, para desse modo pôr fim a esse pavoroso domínio do acaso e do absurdo que até o momento se chamou “história” – o absurdo do “maior número” é apenas sua última forma; [...] uma transvaloração dos valores, sob cuja nova pressão e novo martelo uma consciência se tornaria brônzea, um coração se faria de aço, de modo a suportar o peso de uma tal responsabilidade. (NIETZSCHE, 2002, p. 203; 462)³

Os arautos – os novos filósofos –, responsáveis por essa tão grandiosa tarefa, são designados por Nietzsche (1980, p. 511) observa que ao longo de seus escritos sob o signo de “bons europeus”, conforme Nietzsche (2002, p. 282) isto é, os filósofos legisladores, aqueles que serão capazes – porque **podem** – de estar em profunda contradição e dissonância com seu próprio tempo, tementes em sentar-se à mesa e “partilhar o mesmo prato” que seus contemporâneos se servem.

Nietzsche retoma essas reflexões novamente – com variantes – nos fragmentos dos últimos meses de 1888, certamente o período de maior produção filosófica do autor. Nesse contexto ele estava preparando alguns escritos que iriam expressar claramente sua declaração de guerra: trata-se dos inéditos *Kriegserklärung*. Assim, pois, os fragmentos escritos especialmente entre o período de dezembro de 1888 e início de janeiro de 1889, publicados no volume 13 da obra *Kritische Studienausgabe* (1980), são precisamente os póstumos inéditos de *Kriegserklärung*, com atenção relevante para 25[1], 25[6], 25[11], 25[13] e 25[14]. Ressalte-se que não se trata de um livro que Nietzsche teria intenção de publicar, mas apenas um excuro com alguns pares de fragmentos que seriam publicados, conforme se verá adiante, na conclusão de *Ecce Homo*. Estes textos possuem, por isso mesmo, uma relação absolutamente estreita com o último capítulo de *Ecce Homo*, “Por que sou um destino”, cujo vínculo foi assinalado pelos próprios editores Colli e Montinari: “os fragmentos sobre a *grande política* possuem uma estreita afinidade com este, conforme Nietzsche (1980, p. 509).

Ora, mas o que é *Kriegserklärung* e qual sua relação com a grande política?

Trata-se de alguns textos aforismáticos de

teor eminentemente político em que Nietzsche direciona uma crítica radical aos Hohenzollern e “seu instrumento, o príncipe Bismarck, o estúpido *par excellence* entre todos os homens de estado”.(NIETZSCHE, 1980, p. 643; 668). O contexto de produção destes fragmentos coincide com a crescente onda de “nacionalismo e de ódio racial” que delineia o cenário histórico do contexto político de Nietzsche, e a conseqüente fragmentação das dinastias européias. O fato de extrema relevância, a propósito de *Kriegserklärung*, é que os fragmentos sobre a grande política deste período [dez.1888-jan.1889 – JLV], seriam precisamente preparações para o escrito *Kriegserklärung* (NIETZSCHE, 1980, p. 773). Em suma: os fragmentos do período supracitado são os que expressam de maneira mais direta e contundente o teor da grande política que, por sua vez, é considerada como preparação para *Kriegserklärung*.

Uma das questões centrais que foi levantada inicialmente sobre este manuscrito é que ele faria parte de um outro importante texto, vale dizer, “Lei contra o cristianismo”, este último realmente parte integrante do apêndice à obra canônica de Nietzsche: *O Anticristo*. Desta forma, *Kriegserklärung* seria parte integrante também daquela obra. Um dos especialistas que defende esta tese é Champromis.(NIETZSCHE, 1980, p. 453).

As pesquisas histórico-filológicas de Colli e Montinari (Eds.), no entanto, acabaram por mostrar, ao contrário, que *Kriegserklärung* não possui qualquer relação com *Gesetz wider das Christenthum*. O registro dos editores a propósito desta questão reza: “O certo é que *Lei contra o cristianismo* não é, de modo algum, idêntico a “*Kriegserklärung*” e que o primeiro constitui parte integrante do manuscrito impresso d “O Anticristo”(1980 p. 452).

Ora, se *Kriegserklärung* não é parte da *Gesetz* e, portanto, d’*O Anticristo*, a questão central é saber a que textos o manuscrito está relacionado. A bem da verdade, *Kriegserklärung* foi esboçado no decorrer da produção de *Ecce Homo* e reunido a partir de alguns pares de fragmentos póstumos do período compreendido entre dez.1888 e jan.1889. Estes fragmentos são precisamente os já mencionados 13, 25[1. 6. 11. 13. 14]. Uma das maneiras para se saber desta relação com *Ecce Homo* foi pelas páginas que Nietzsche havia numerado neste texto. Conforme registram os comentaristas, “a última página **mantida** no manuscrito

para impressão de *Ecce Homo* foi numerada pelo próprio Nietzsche com o número 44” (NIETZSCHE, 1980, p. 453). Os próprios editores indicam, pois, que “as páginas faltantes de 45 a 47 deveriam conter o manuscrito *Kriegserklärung* suprimido”. (NIETZSCHE, 1980, p. 453).

De fato, *Kriegserklärung* deveria ser publicado como parte do último capítulo de *Ecce Homo*. E realmente estava sendo até a última alteração feita por Nietzsche neste livro: “A última alteração de 29 de dezembro de 1888 – 2 de janeiro de 1889 no final de *Ecce Homo* produziu a conclusão deste escrito assim como estava no primeiro manuscrito para ser impresso (*meados de novembro*). Esta alteração – em 29 de dezembro – dizia respeito a não manter mais o texto *Kriegserklärung* [...]. *Kriegserklärung* pertencia a *Ecce Homo* desde a revisão do início de dezembro”. (NIETZSCHE, 1980, p. 469). Acrescente-se, além disso, que Nietzsche (1980, p. 469) vinha se ocupando com mais intensidade do tema da grande política até 29 de dezembro de 1888. No período de elaboração de sua proclamação à grande política Nietzsche ainda se debruça uma última vez sobre *Kriegserklärung*. A intenção era registrar uma “última consideração” sobre o cenário político de seu tempo, cujas anotações estão, de fato, assinaladas nos fragmentos 25 [13 e 14] deste período. Apenas por curiosidade, nesta mesma época, conforme registram os editores, alguns esboços de cartas já “contêm traços visíveis de delírios evasivos”. (1980, p. 469).

Nesta última alteração, Nietzsche suprime o *Kriegserklärung* de *Ecce Homo* e não deixa ir a público estes fragmentos. O interessante a se registrar também é que estes textos foram, posteriormente, mutilados em virtude de algumas passagens que supostamente poderiam trazer um certo constrangimento aos seus familiares. Em alguns casos *Kriegserklärung* teve passagens até mesmo queimadas. O comentário a seguir é dos editores:

Sob os fragmentos de dezembro de 1888, publicados no texto do tomo 13, [...] que Nietzsche reuniu no decorrer de seu trabalho em *Ecce Homo* – há muitos fragmentos que são registrados por “*Kriegserklärung*”: 25[1], 25[6], 25[11], 25[13.14]. Eles nos fornecem uma razoável apresentação do índice de “*Kriegserklärung*”. Dentre eles, presta-se nossa especial atenção ao 25[6]. O fragmento consiste

em duas partes. A parte 1 corresponde (com variantes) à primeira parte do capítulo “Por que sou um destino” em sua versão final; a parte 2, ao contrário, não encontra nenhuma correspondência ao capítulo citado e nem ao restante de *Ecce Homo*. Às palavras “diese gepurpurten Idioten” [...], encontra-se a seguinte observação de Elisabeth Förster-Nietzsche: “uma expressão que se encontrava na folha e que nossa mãe queimou em virtude de ser um insulto à majestade”. Esta folha queimada pertencia, portanto a *Ecce Homo* e foi designada por Nietzsche em seu índice, enviando “*Kriegserklärung*” para Leipzig, que se dirigia contra a casa dos Hohenzollern e “seu instrumento, o príncipe Bismarck”. (NIETZSCHE, 1980, p. 451)

A expressão “diese gepurpurten Idioten” utilizada por Nietzsche (1980, p. 641)⁴ é dirigida, como se vê, à nata política da Alemanha daquele contexto, e traz em seu bojo, como se verá logo adiante, uma crítica radical às práticas nacionalistas e de apequenamento do homem. É natural, portanto, que houvesse estas mutilações nos textos por parte dos familiares e editores, provavelmente para preservá-los de um possível constrangimento surgido destes escritos de Nietzsche.

De qualquer maneira, o fato é que as lamentáveis guerras e hostilidades entre povo e povo não são aquelas guerras reivindicadas pela grande política. No volume de comentários, especialmente a nota pertencente ao fragmento 25[1] do mesmo período, os editores trazem o registro que confirma a relação de *Kriegserklärung* com a grande política: “25[1] *provavelmente preparação para Kriegserklärung*. Citadas na página 451.” (NIETZSCHE, 1980, p. 773). Neste sentido, a reivindicação por Nietzsche pela grande política surge, portanto, em meio a uma política de fragmentação nacionalista, de um nivelamento do espírito, de uma homogeneização, apequenamento e mediotização do tipo homem.

A grande política traz sim a guerra. É, além disso, uma cáustica e radical declaração de guerra à tradição político-moral do Ocidente. Porém, não se trata de uma guerra entre povos ou de uma política hostil de raças. Muito próximo dessa noção está o fragmento 25[1], que por seu turno, é aquele provável fragmento da preparação de *Kriegserklärung*. O título deste fragmento é precisamente “A Grande Política”:

Eu trago a guerra. *Não* entre povo e povo; não tenho palavra para exprimir meu desprezo pelos detestáveis interesses políticos das dinastias européias, que fazem do incitamento egoísta e presunçoso dos povos contra si um princípio e quase um dever. *Não* entre classes. Pois não temos nenhuma classe superior, portanto também <nenhuma> inferior. [...] Eu trago a guerra entre todos os absurdos acasos de povo, estado, raça, profissão, educação, formação: uma guerra como entre ascensão e declínio, entre vontade de vida e *desejo de vingança* contra a vida, entre honestidade e mentiras matreiras... [...] *Primeira proposição*: a grande política quer tornar a fisiologia senhora sobre todas as outras questões; ela quer criar um poder, forte o suficiente, para *cultivar* a humanidade como um todo e mais elevada [...]. *Segunda proposição*: guerra de morte contra o vício; viciosa é toda forma de contra-natureza. [...] *Segunda proposição*: criar um partido da vida, forte o suficiente, para a *grande* política: a *grande* política torna a fisiologia senhora sobre todas as outras questões, – ela quer *cultivar* a humanidade como um todo, ela mede o nível de raças, de povos, de indivíduos segundo seu futuro – [—], segundo sua garantia de vida que carrega em si [...]. *Terceira proposição*: o restante segue daqui. (NIETZSCHE, 1980, p. 637; 643)⁵

A grande política, enquanto estridente contra-discurso em relação à pequena política, traz a guerra. Mas não aquela que confunde combate com extermínio. O próprio Nietzsche diz saber fazer um uso melhor de 12 bilhões que se gastam, na sua época, na “paz armada”.(NIETZSCHE, 1980, p. 646). É possível trazer a fisiologia, segundo Nietzsche, por outros meios: “Nós *outros* caminhamos incessantemente a um grandioso e elevado trabalho de vida – temos ainda tudo para organizar. Há ainda meios reais de trazer à terra a fisiologia, do que através dos hospitais militares”.(NIETZSCHE, 1980, p. 644).

Trata-se, a bem da verdade, de uma “guerra de espíritos”, de uma profunda colisão de consciências, em que “todas as formações de poder da velha sociedade saltam pelos ares – todas elas se fundam na mentira: haverá guerras como jamais houve na Terra. Somente a partir de mim existe na Terra a *grande política*”, “*por que eu sou o destino*”.(NIETZSCHE, 1971, p. 2). Como guerra de

espíritos, a grande política encerra uma busca incessante por resistências, visto que “todo crescimento se denuncia na busca de um adversário – ou de um problema – mais potente”.⁶

Deve-se possuir, pois, um certo “prazer de *aniquilar* em um grau correspondente a minha *força* para aniquilar [...]. Eu sou o primeiro *imoralista*: por isso sou o *aniquilador par excellence*”.(NIETZSCHE, 1971). Mais uma vez, este aniquilamento não se confunde com o extermínio, mesmo porque “negar e *aniquilar* são condições para dizer sim”.(NIETZSCHE, 1971, p. 111). Nos fragmentos do último período de produção literária do filósofo, Nietzsche fornece mais uma indicação desta positividade na negação: “propriamente o cristianismo se torna necessário: a forma mais elevada, mais perigosa, mais sedutora do não à vida provoca apenas sua mais elevada afirmação”. (NIETZSCHE, 1980, p. 64).

Trazer a guerra, como o quer a grande política, é introduzir um intenso conflito no interior do homem, uma vez que “o segredo para colher da vida a maior fecundidade e a maior fruição é: *viver perigosamente*” [...] Vivam em guerra com seus pares e consigo mesmos”, (NIETZSCHE, 1980, p. 283; 377). Nietzsche (1973) observa que a espiritualidade da guerra está precisamente em não renunciar à guerra, pois se estaria, desta forma, renunciando-se à própria vida, em não renunciar à própria guerra que o homem já é. (NIETZSCHE, 2002, p. 200).

Kriegserklärung é, pois, um dos manuscritos mais centrais visto que se coloca, ele mesmo, em oposição ao próprio cenário político do contexto de fins do século XIX. É uma declaração de guerra contra as políticas de autocentramento e homogeneização do tipo homem, contra quaisquer mecanismos que retirem a espiritualidade do conflito e a tensão interna no homem. O interessante é que o próprio Nietzsche já se coloca igualmente em *Gegensatz* em relação ao seu contexto, i.é., ele mesmo se insere radicalmente colocando-se de maneira a exprimir seu contra-discurso: “Eu não seria possível sem uma forma contrária de raça, sem alemães, sem *estes* alemães, sem Bismarck, sem 1848, sem ‘guerras de liberdade’, sem Kant, sem o próprio Lutero...”.(NIETZSCHE, 1980, p. 641). Às palavras: “só se é *fecundo* ao preço de ser rico em antíteses”, a grande política, consistindo em preparação para *Kriegserklärung*, já efetiva de forma colidente a intransigente negação à modernidade política e ao próprio contexto de final de

século XIX. (NIETZSCHE, 1973, cap. 3).

Esta guerra de espíritos reivindicada pela grande política configura, de acordo com o tipo de homem produzido em seu contexto, precisamente a espiritualidade mesma destes homens: “Os homens mais espirituais, por serem os *mais fortes*, encontram sua felicidade onde outros encontrariam sua ruína: no labirinto, na dureza consigo mesmos e com outros, no experimento; seu prazer é a auto-superação”.(NIETZSCHE, 1999, p. 3-4; 57). O estabelecimento de um campo minado a partir da grande política, sem dúvida, é o solo mais vantajoso para o cultivo desta espiritualidade.

Ao passo que trazer a guerra não é trazer uma guerra entre povo e povo, mas estabelecer uma guerra de espíritos, a grande política se mostra, paradigmaticamente, como a herdeira suprema da tradição político-moral do Ocidente precisamente por estabelecer um contexto de radical conflito e multiplicidade antagônica. Nas mãos de Nietzsche, então, é propriamente o desferimento do golpe final, ou também, o estabelecimento de novas possibilidades para o homem, de novos para quê. E, se por um lado, as palavras de Nietzsche (1980, p. 646) podem ser alegóricas e irônicas: “numa palavra, e até mesmo *muito* boa: depois que se aboliu o antigo Deus estou pronto *para governar o mundo...* ”; por outro lado, e para além das alegorias e ironias típicas dos escritos de Nietzsche, trata-se sem dúvida de uma reivindicação e denúncia. Reivindicação entendida como interesse em superar seu tempo e o próprio homem daquele contexto. E denúncia entendida, seja profeticamente ou direta e contundentemente, como um alerta para o espetáculo que se iria abrir na Terra pelos próximos dois séculos.

Notas

¹ O termo grande política ainda aparece em *Além do bem e do mal*. Em *Crepúsculo de los ídolos I*, moral como contra-natureza, e, por que sou um destino. Num fragmento de Dezembro de 1888 e início de janeiro de 1889, portanto do mesmo período da produção de *Ecce Homo*, cujo fragmento pode ser considerado como o esboço para o texto publicado, curiosamente Nietzsche não registra a última frase que é precisamente a menção do conceito, qual seja, “somente a partir de mim existe na terra a *grande política*”. O fragmento está em: *Kritische Studienausgabe*. As obras de Nietzsche estão abreviadas segundo a terminologia registrada na bibliografia, após o título de cada livro.

² No volume de comentários, há o seguinte registro a propósito deste fragmento: “Versão do capítulo *Por que sou um destino* que Nietzsche abandonou em favor de sua *Kriegserklärung*”, p. 774.

³ Onde se lê: “Eu designo isso mesmo como *extração de um excesso de luxo da humanidade*: nela deveria ser impulsionada à luz uma forma *mais forte*, um tipo superior, que tem suas condições de surgimento e conservação diferentes daquela do tipo de homem mediano. Meu conceito, minha *metáfora* para esse tipo é, como se sabe, a palavra ‘além-do-homem’”.

⁴ Optou-se aqui por deixar a expressão no original por corresponder, possivelmente, a uma expressão popular da época. Literalmente ela significa: “estes púrpuros idiotas”.

⁵ Onde Nietzsche assinala a guerra de morte dirigida contra os Hohenzollern e o príncipe Bismarck.

⁶ Por que sou tão sábio. No prosseguimento deste aforismo há uma explicação do que Nietzsche chama de “práxis bélica”, que por seu turno, resulta em quatro princípios: primeiro: “eu só ataco coisas que triunfam”; segundo: “eu só ataco coisas quando não vou encontrar aliados”; terceiro: “eu jamais ataco pessoas”; quarto: “eu só ataco coisas quando está excluída qualquer disputa pessoal, quando está ausente todo fundo de experiências penosas. Ao contrário, em mim atacar representa uma prova de benevolência e, em ocasiões, de gratidão”.

Referências

ANSELL-PEARSON, Keith. **Nietzsche contra Rousseau**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

BAIER, Horst. Die Gesellschaft: Ein langer Schatten des Toten Gottes. **Nietzsche-Studien**, Berlin, v. 10/11, p. 366-407, 1981/1982.

MAURER, Reinhart. Der andere Nietzsche. Gerechtigkeit kontra moralische Utopie. Aletheia, Berlin, v. 5, p. 9-20. 1994.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Kritische Studienausgabe**. Giorgio Colli e Mazzino Montinari. (Eds.). Berlin: Walter de Gruyter, 1980.

_____. **Além do bem e do mal**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Genealogia da moral**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Crepúsculo de los ídolos**. Tradução de Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza, 1973.

_____. **Ecce Homo**. Tradução de Andrés Sánchez Pascual. Madrid. Alianza, 1971.

_____. **El anticristo**: maldición sobre el cristianismo. Tradução de Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza, 1999.

OTTMANN, Henning. **Philosophie und Politik bei Nietzsche**. 2. verb. Und erw. Anfl. Berlin: [s. n.], 1987.

PASCHOAL, Antônio E. **A dinâmica da vontade de poder como proposição moral nos escritos de Nietzsche**. 1999. Tese (Doutorado em filosofia) - Universidade de Campinas, Campinas 1999.

TONGEREN, P. Van. **Die Moral von Nietzsches Moralkritik**. Bonn: Bouvier, 1989.

Recebido em / Received in: 15/04/2003

Aprovado em / Approved in: 28/05/2003